

# As perspectivas da arte contemporânea em debate

Publicamos a seguir uma entrevista de Ferreira Gullar e a resposta de artistas e críticos. E mais: a crítica de arte no Brasil, novas tecnologias, internacionalismo, vídeo

— No questionamento que faz da arte contemporânea, você nega linguagens como a performance ou a instalação?

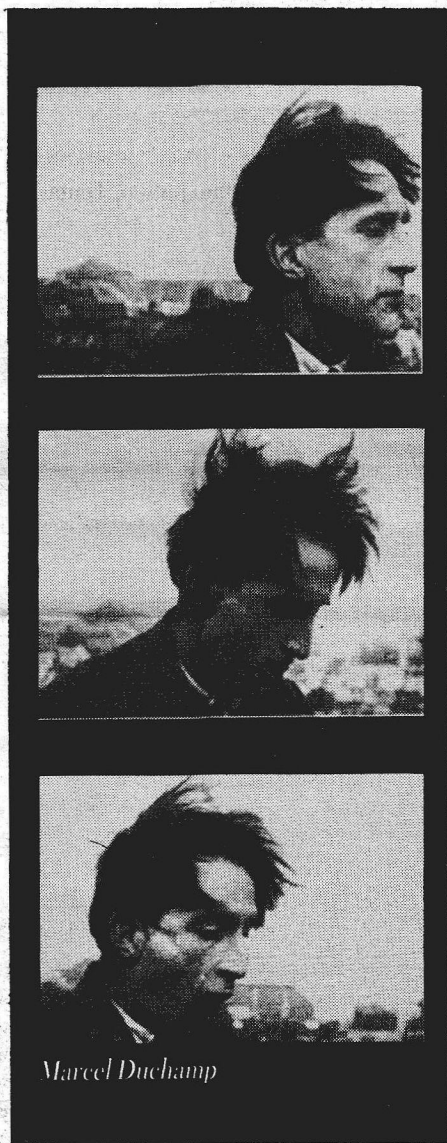
Ferreira Gullar — Eu não nego que a performance como a instalação ou qualquer outro tipo de manifestação sejam meios de expressão. Mas não vejo porque considerar a performance artes plásticas. Não vejo porque considerar artes plásticas o fato de um sujeito tirar a roupa em uma exposição. A performance não consegue alcançar o plano do estético, embora o gesto possa ter um valor ético. Quanto a performance, acho que ela é uma adesão a uma visão de arte marketing, publicidade, efemeridade, pois não propõe nada de permanente. Fazer instalação significa aderir ao mundo da obsolescência planejada que rege a sociedade do consumo. Ela é a expressão disto. Ao invés de realizar alguma coisa que se oponha a este consumismo, os artistas estão aderindo a ele. O artista instala o trabalho durante o Bienal e, em seguida, o destrói. Em alguns casos, esta forma de expressão consegue ser até convincente como a que a Siron Franco fez na última Bienal, que era um protesto contra o trânsito caótico e homicida das grandes cidades.

— E qual a sua visão sobre a incorporação de novos meios tecnológicos pela arte?

— Em princípio, qualquer nova tecnologia pode ser incorporada pela arte. Só acho que até agora as manifestações realizadas com o meio tecnológico deram um resultado bastante precário, desde as esculturas de Schiffer até as experiências com o computador. Até agora elas não alcançaram o efeito estético que se consegue com outras formas de arte.

— Você critica as manifestações de arte conceitual como mistificadoras. Mas a arte conceitual não pretendeu precisamente armar o espectador de uma percepção crítica face ao circuito das artes?

— As primeiras manifestações da arte conceitual foram importantes, tinha uma razão de ser e cumpriram um papel. Ago-



ra o uso e a repetição contínua as esvaziou como qualquer outra manifestação. Ela acabou dissolvendo as linguagens estéticas. Não constrói nada. A arte conceitual se vale das linguagens existentes para realizar uma intervenção dissolvente e autodestruidora. Eu próprio, a certa altura da minha poesia, destruí a linguagem. Mas depois eu retomei a linguagem. Não faz sentido destruir o que já está destruído. Em todos os outros campos das manifestações artísticas, no teatro, na literatura, esta destruição foi absorvida e o discurso estético foi reestabelecido. Eu pergunto: por que isto não ocorreu no campo

das artes plásticas? Na literatura, após a ruptura radical de Joyce, tivemos Faulkner, Hemingway, Carlos Drummond, João Cabral e outros grandes criadores. Depois do *Finegan's Wake*, de Joyce, não deveria mais haver literatura. E, no entanto, tivemos grandes criadores.

— Você tem dirigido críticas à obra de Hélio Oiticica. Como avalia o reconhecimento que a obra de Oiticica tem merecido na Europa?

— O Hélio Oiticica desenvolveu uma experiência de desenvolvimento teórico e os diretores de museus sempre prestigiam este tipo de manifestação. Então é perfeitamente compreensível que eles promovam exposições com a obra do Hélio. É consequência de uma visão de arte. Eu tive a oportunidade de viajar recentemente e o que observei nos museus da Alemanha, dos Estados Unidos e da Holanda, é que as exposições de vanguardas estavam vazias. Enquanto isto, o Museu Van Gogh estava cheio de gente.

— A partir de que momento você critica a obra do Hélio Oiticica?

— Acho que Hélio Oiticica é um artista importante. Fui o primeiro a reconhecer isto. E contribuí teoricamente para experiência dele. E também artisticamente. A obra "Os Labirintos", do Oiticica, saiu do "Poema Enterrado", que eu criei. Ele tem obras muito criativas. Mas depois de certo momento, da mesma maneira que ocorreu com a Lygia Clark, ele abandonou os valores estéticos, dissolveu a própria linguagem e se entregou a experiências de duvidosa densidade. O *Parangolé* é uma teoria da mesma maneira que ocorre com muitas obras da arte contemporânea. Você tem de ler a respeito para saber o significado da obra. Isto é contra a natureza da arte. O cara pode fazer um belo discurso sobre a música e não saber juntar três notas. Não tem cabimento. Se você se expressa tão bem com a palavra então é melhor se tornar escritor. Isso me parece óbvio.

## Reinaldo Jardim

poeta

A sabedoria nunca é pretensiosa nem autoritária e jamais privilegia o estético em relação ao ético. A estesia é uma relação entre o observador e a coisa observada, logo é um fenômeno impermanente. Dura enquanto durar a relação. Depois tudo é memória da emoção, do sentimento, do prazer, do desprazer. Memória que pode até causar uma revolução interior de conceitos e de vida. O espírito estético de Monteiro Lobato baixou novamente. Se dependesse de Lobato não teríamos Tarsila nem Volpi, nem João Cabral nem o concretismo. A sorte das artes é que ela é imune à crítica, às doutrinas, ao "isso é novo" isso é ultrapassado, isso é eterno, isso é moda.

Ser desmontada depois da mostra não invalida uma instalação. O mesmo acontece com o teatro que só deixa de ser literatura quando a peça é encenada. Lembro novamente Mario Pedrosa que envelheceu mantendo o espírito aberto e não conservador. Abaixo a censura, o policiamento, a patrulha estética. Viva a liberdade ainda que anarte".

## Ronaldo Brito

crítico de arte

Esta definição que o Ferreira Gullar tem do contemporâneo não é viável e nem coerente. Se a questão for colocada de uma outra maneira ela se anula. Existem quadros modernos que não constituem linguagem. Não é pelo fato de ser uma instalação que uma obra pode ser chamada de contemporânea. Existem quadros que são instalações e existem instalações que são naturezas-mortas. Não constitui critério do contemporâneo olhar as obras pelas figuras e formas. Só os grandes artistas constituem linguagem. Mas este é um problema que se coloca para todo e qualquer gênero de arte e não apenas para a arte contemporânea. Você acha que Marcel Duchamp tem a ver com as repetições e deluções de sua obra é a mesma coisa que criticar Picasso porque este influenciou Portinari.

O difícil para os criadores é não trabalhar com Duchamp como é difícil não trabalhar com Matisse ou Brancusi. E Duchamp trabalha na obra do Waltércio, do Tunga, do Cildo Meirelles, do Hélio Oiticica. Não sei o que Gullar diz sobre o Hélio e a Lygia Clark. Mas no Brasil existe uma mania de adoração fácil, da qual o Hélio e a Lygia são alvo no momento. Talvez seja esta idolatria que irrite ao Gullar. Não há grande criador que resista a uma recepção burra. As pessoas se esquecem, por exemplo, que existem um Alícar de Castro. E a vantagem do Alícar de Castro sobre a Lygia Clark é que ele está trabalhando até hoje. Agora, este ataque a arte contemporânea é extremamente acadêmico. O meu critério de arte contemporânea é outro".



# Guilherme Vaz

músico

“Esta cruzada do Ferreira Gullar contra a modernidade é baseada na desinformação e na falta de um projeto alternativo de modernidade da parte dele. Ele escolheu como alvo precisamente dois criadores da arte brasileira deste século: Lygia Clark e Hélio Oiticica. Eles são artistas que realizaram uma aventura radical. Como alternativa, ele coloca o regionalismo e o provincianismo de uma produção de baixo teor calórico. A solução para a crise da modernidade não sairá desta postura conservadora. Ela sairá do abismo. A crítica que Gullar desfere contra Hélio Oiticica atinge toda a tradição de Glauber Rocha, Edgar Braga, Qorpo Santo, Júlio Bressane, Mario Peixoto, que é a tradição da invenção no Brasil. Ele dá uma grande mão aos jesuítas, nacionalistas, reacionários.

O Parangolé não é uma teoria. Ele é uma roupa cerimonial transformada em um poema que qualquer um pode vestir. Qualquer obra de arte é uma afirmação completa: teórica, filosófica, estética, universal. Existe uma teoria da Mona Lisa do Leonardo da Vinci. E eu acho que uma das grandes conquistas da arte moderna é esta incorporação explícita do pensamento. Porque nos séculos 18 e 19, os artistas eram artesãos a serviço de cortes corruptas. Parangolés são roupas rituais como telas líquidas a serem vestidas. A linguagem é um bicho protéico que se transforma a cada década. O Ferreira Gullar quer determinar o que é a linguagem de uma maneira acadêmica. Ele se esquece, por exemplo, que o tropicalismo de Caetano e Gil nasceu das instalações de Hélio Oiticica. Se não fosse isto teríamos Roberto Carlos até hoje. Nós ainda vamos balançar muito entre a posição conservadora de retornar ao passado e a postura de superar a crise da modernidade, incorporando suas conquistas e encarando o abismo”.

## Ricardo Basbaum

(artista plástico)

“O Ferreira Gullar mais brilhante é o autor dos textos teóricos do neoconcretismo. No momento, não acho que ele coloque nada que mereça discussão. Porque ele se esquia de discutir a produção de arte contemporânea. Não é possível simplesmente passar a borracha em 30 anos de produção de arte contemporânea, que não pode ser reduzida a um conceito estreito de linguagem. A produção contemporânea tem de ser vista como linguagens em relação com a linguagem. As pesquisas plásticas dos últimos trinta anos romperam com a especialização e incorporaram uma série de materiais não-artísticos, abrindo um diálogo com outros campos do conhecimento.”



Hélio Oiticica